

REMINISCÊNCIAS DOS QUILOMBOS TERRITÓRIOS DA MEMÓRIA EM UMA COMUNIDADE NEGRA RURAL

Marcelo Moura Mello

São Paulo: Terceiro Nome, 2012

PAULA BALDUINO DE MELO

Em tempos de desqualificação da reivindicação de direitos por comunidades quilombolas no Brasil e na América Latina, uma obra que ressalta a dimensão criativa da memória é meritória. Em diversos pontos da diáspora africana, comunidades negras lutam pela garantia de territórios ancestrais. Nesses enfrentamentos, as estratégias contrárias vão desde ameaças e ações de violência explícita direcionadas aos quilombolas a construções retóricas que desvalorizam a dimensão oral, plataforma primordial de registro da trajetória de tais comunidades, ao questionar os procedimentos jurídico-legais para a identificação, o reconhecimento e a regularização dos territórios de remanescentes das comunidades de quilombos.

Nessa obra, Marcelo Moura Mello alcança o sublime, ao apurar narrativas de mulheres e homens de Cambará – comunidade quilombola localizada no limite entre os municípios de Cachoeira do Sul e Caçapava do Sul (RS) –, e compô-las junto a documentos históricos dessa região do Rio Grande do Sul. A articulação entre tradição oral e registros escritos valoriza categorias locais de autoatribuição, sem deixar de contextualizá-las nos processos transcorridos desde o século XIX – no curso do regime escravista rio-grandense –, à contemporaneidade na luta de comunidades remanescentes de quilombos em torno da identidade étnica. Não presenciamos os eventos vividos pelas famílias de Cambará, porém, ao renarrar

de modo perspicaz fragmentos da história desse povo, o autor permite aos leitores compassivos “sentir com” eles a dor e a beleza de suas experiências rememoradas.

A tarefa à qual se propõe Mello não é fácil. Tal como em diversos cantões do país, em Cambará as espoliações de terras, e consequentemente de vidas – protagonizadas pelo Estado, pelo médio e grande capital, levaram essa comunidade a uma situação de privação de direitos básicos. A antropologia se coloca o desafio de ouvir e amplificar a voz de grupos sociais que foram posicionados em situações de desvantagem histórico-estrutural. Nessa obra, o autor se propõe a narrar a história da comunidade negra rural de Cambará, tendo como mote sua autoidentificação como remanescentes de quilombos e como questão central o papel assumido pela memória nesse processo.

Uma ampla perspectiva do campo intelectual e político que envolve as comunidades

negras rurais é traçada no primeiro e segundo capítulos. Mello comenta estudos sobre a população negra em meio rural – parte deles tendo como pano de fundo estudos sobre o campesinato – e estudos que inauguraram a ressemantização do conceito de quilombos a partir dos anos 1990. Situa assim suas inspirações conceituais, dentre as quais está bastante presente o trabalho do antropólogo José Maurício Arruti.¹ Com Arruti, propõe boas perguntas e considerações sobre a relação entre etnicidade e Estado na forma como opera a categoria remanescentes de quilombos.

No segundo capítulo, a teoria da etnicidade é abordada em sua correlação com a memória. Ressalta-se a dimensão moral na luta por reconhecimento, conforme elaboração do filósofo Honneth, e os afetos envolvidos nos processos identitários de comunidades negras rurais. A memória é concebida como o ato de rememorar, exercício que conecta temporalidades, gera e reforça o sentimento

1 Para delinear o campo de ressemantização do conceito de quilombos, o autor recorre também aos trabalhos de Eliane Cantarino O'Dwyer, Alfredo Wagner Berno de Almeida, Ilka Boaventura Leite, José Carlos dos Anjos, Neusa Gusmão, Miriam de Fátima Chagas, entre outros.

de pertença coletiva. As narrativas sobre o passado articulam sentidos. O real e a representação não estão separados; juntos irrompem em lembranças. Ao mesmo tempo, o estoque de lembranças não pode ser manipulado de modo irrestrito, ressalva Mello. Os contornos das narrativas são desenhados pelas concepções morais locais, noções de justo e injusto. A memória coletiva da comunidade de Cambará configura um processo criativo em diálogo com uma rede de agentes e instituições envolvidas nos processos identitários, ao mesmo tempo extrapolando essa rede.

Desde o terceiro capítulo são exploradas dinâmicas decorrentes da assunção quilombola em âmbito local. O racismo é reconhecido como “fator fundamental nas interações cotidianas do grupo” (MELLO, 2012, p. 85). Nesse contexto, a ocupação e demarcação do território ancestral não implicou uma ruptura radical nas relações entre negros e brancos. O

teor dessas relações, porém, transformou-se de maneira cabal.

Em seguida, narra-se a constituição histórica do grupo no contexto regional, no quarto capítulo. A partir daí, povoam as páginas do livro trechos de assentos de batismo, registros de casamento, inventários, cartas de liberdade, registros paroquiais de terras e autos de legitimação. Nas fontes escritas, escutam-se as vozes dos moradores de Cambará. As reflexões sobre tempo e espaço, bem como sobre as formas de vivenciá-los, buscam inspiração em escritores como Toni Morrison, Machado de Assis, Marcel Proust e Guimarães Rosa.

Nos capítulos finais, 5 e 6, conhecemos alguns eventos que, na leitura de Mello, merecem destaque na trajetória de Cambará. A memória dessas mulheres e desses homens negros reflete a densidade das experiências da escravidão. São narrativas que cruzam temporalidades, recuperando

o passado e projetando-se no presente, com olhos no futuro. Configuram uma leitura das assimetrias de poder entre brancos e não brancos. Vivências da população de Cambará com ações policiais mostram que apenas negros e negras eram abordados em interrogatórios policiais e cerceados nas possibilidades de expressão coletiva, como a realização e/ou participação em festas e bailes. Como *crias* de famílias brancas, crianças negras eram privadas do acesso à educação e saúde e submetidas a uma jornada de trabalho degradante. Os relatos apontam para uma linha de continuidade de padrões escravagistas na interação entre negros e brancos. O cativo é assim entendido como “modelo designativo de relações” (MELLO, 2012, p. 225).

A memória se espacializa e por meio dela se constitui a história fundiária e a genealogia das famílias no território de Cambará. O livro conta como se formaram os núcleos familiares de Pinheiro,

Rincão das Vassouras Brancas, de Irapuá e Cambará, os dois últimos habitados principalmente pelas famílias Lopes e Ramos. Enredando narrativas locais e informações documentais, conhecemos conflitos e tensões entre famílias negras e famílias brancas de fazendeiros da região, como os Costa. Nota-se então que há cores projetadas nesse território incrustado no Rio Grande do Sul, estado que, nos modelos historiográficos tradicionais, construiu uma autoimagem desvinculada de uma visão pluriétnica.²

Como abdicar de binarismos que reduzem a ampla gama de eventos relacionados às respostas negras à escravização? Essa questão circunda pesquisas históricas e antropológicas no campo de estudos sobre quilombos. O conceito de “projetos de liberdade”, emprestado do historiador Paulo Moreira, permite a Mello desviar da oposição “passividade–rebeldia” na interpretação dos episódios de Cambará, como, por

² A invisibilização da população negra no Rio Grande do Sul é tema abordado, por exemplo, por Ruben Oliven. Ver OLIVEN, R. G. A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul. In: LEITE, I. B. *Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996, p. 13-32.

exemplo, as desavenças entre Manoel Thomé da Silva e José Martimiano Machado, figuras referenciais em dois troncos familiares locais (2012, p. 156-159). Confluíram na constituição desse território negro inúmeras estratégias de libertação: a formação de famílias, a aquisição de terras e até mesmo a manutenção de vínculos com a classe senhorial.

Pode-se notar semelhante esforço, em não sucumbir ao reducionismo da polarização, na forma como Mello busca reconhecer agenciamento nas posições assumidas pelos moradores dessa comunidade, sem deixar de visibilizar as violências históricas às quais foram submetidos. A relação do autor com Jorge Pereira Lopes, situado no grupo dos mais velhos da comunidade, relevantes por serem “guardiões da memória do grupo” (MELLO, 2012, p. 99), reflete esse esforço interpretativo a meu ver.

Logo nas primeiras páginas, o autor narra o episódio de um jantar que vivenciou com o casal Isaura

Lopes e Jorge Pereira Lopes. Mello, que estava sentado à mesa sob um feixe de luz de lampião, percebeu que “a luz produzida pelo lampião permitia a Jorge observar de uma posição privilegiada seus visitantes” (2012, p. 30). Mais adiante, relatando outra interação do grupo de pesquisa com Jorge Lopes, Mello observa que o octogenário se posicionou na roda de conversa de modo que todos os demais estivessem ao alcance de sua voz e de seu olhar. Personalizados em Jorge, pode-se mirar os negros e negras de Cambará em uma posição de empoderamento, sem deixar de observar a situação estrutural de desprivilegio dessa parcela da população.

Compartilhando com Mello a inspiração em Benjamin, nessa obra o narrador imprime uma marca sutil sobre a narrativa. A rememoração da história e a produção etnográfica estão imbrincadas na pesquisa que origina a obra. Ciente disso, nota-se que o autor situa

seu lugar de fala, buscando considerar os contextos de assunção dos relatos locais, bem como posição de classe, composição étnica, idade e gênero do pesquisador, no caso, do próprio autor. Assim, em diversos momentos do livro, deparamo-nos com considerações sobre situações de pesquisa envolvendo universidade, Estado, movimento social negro, dentre outros atores e instituições, nos quais Mello estava posicionado.

Por outro lado, como diz Mello, “este trabalho não gira sobre a órbita do pesquisador” (2012, p. 31). O encontro com “o outro” proposto pela antropologia – tema recorrente, porém certamente não esgotado – pode ser o encontro consigo mesmo em diversas medidas. E a isso se pode atribuir juízos de valor negativos e/ou positivos. Acredito que o autor nos brinda com um bom livro também porque, ao adentrar a memória e a identidade coletivas de Cambará, logra transcender sua própria órbita

e transitar no curso de órbitas que entremeiam as relações raciais e a estruturação fundiária no Brasil.

De forma original, Mello oferece ao campo de estudos sobre quilombos caminhos inteligentes para responder a argumentações que alegam certo “caráter fabricado” nos processos identitários de comunidades quilombolas, supostamente baseados na instrumentalidade e em imediatismos políticos. Está feito o convite para uma leitura que prima pela infinitude das lembranças.

PAULA BALDUINO DE MELO –
Pesquisadora na área de Antropologia das Populações Afrodescendentes e Antropologia Rural, atuando principalmente nas temáticas de relações raciais, quilombos, gênero e movimentos sociais. Doutoranda em Antropologia pela Universidade de Brasília – UnB, <paulabaldu@gmail.com>.